

Estudando Tom Zé

[*Studying Tom Zé*]

Leilor Miranda Soares¹

Patrícia Anette Schroeder Gonçalves²

Walter Garcia³

RESUMO • O artigo sintetiza duas dissertações sobre Tom Zé defendidas no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB/USP: *Três ensaios sobre a Tropicália de Tom Zé: da “Era dos Festivais” à “Era dos Editais”*, de autoria de Patrícia Anette Schroeder Gonçalves; e *“Batiza esse neném”: mercado, MPB, samba e processo social em Estudando o samba, de Tom Zé*, de autoria de Leilor Miranda Soares. Nas duas sínteses, são discutidas questões como a relação de Tom Zé com a Tropicália, alguns de seus recursos composicionais e performáticos e o lugar que o artista ocupou, ao longo do tempo, no mercado hegemônico. • **PALAVRAS-CHAVE** • Tom Zé; música popular brasileira; música e interdisciplinaridade. • **ABSTRACT**

• The article summarizes two dissertations on Tom Zé defended in the Graduate Program in “Brazilian Cultures and Identities” at IEB/USP: *Three essays about Tom Zé’s Tropicália: from the Popular Music Festivals to the current public and private cultural fundings*, by Patrícia Anette Schroeder Gonçalves; and *“Baptize this baby”: market, MPB, samba and social process in Tom Zé’s Estudando o samba*, by Leilor Miranda Soares. Both summaries discuss issues such as Tom Zé’s relationship with Tropicália, some of his compositional and performative resources, and the place the artist has occupied over time in the hegemonic market. • **KEYWORDS** • Tom Zé; Brazilian popular music; music and interdisciplinarity.

Recebido em 18 de novembro de 2025

Aprovado em 25 de novembro de 2025

Editores responsáveis: Ana Paula Simioni, Dulcília Helena Schroeder Buitoni e Marcos Antonio de Moraes

SOARES, Leilor Miranda; GONÇALVES, Patrícia Anette Schroeder; GARCIA, Walter. Estudando Tom Zé. *Rev. Inst. Estud. Bras.* (São Paulo), n. 92, 2025, e10777.



Seção: Criação

DOI: 10.11606/2316901X.n92.2025.e10777

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

3 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

Até o momento, duas dissertações sobre Tom Zé foram defendidas no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP): *Três ensaios sobre a Tropicália de Tom Zé: da “Era dos Festivais” à “Era dos Editais”*, de autoria de Patrícia Anette Schroeder Gonçalves (2018); e *“Batiza esse neném”: mercado, MPB, samba e processo social em Estudando o samba, de Tom Zé*, de autoria de Leilor Miranda Soares (2019). Além obviamente do artista pesquisado, os trabalhos apresentam alguns traços em comum: a reflexão interdisciplinar; o estudo da forma das canções à luz do processo econômico-histórico-social; a crítica da cultura brasileira em suas conexões com a cultura de outros países.

Em relação ao último traço, não escapará, na leitura da síntese de cada dissertação, a importância fundamental que o teatro de Bertolt Brecht assumiu nas análises. O caminho, como ficará patente, fora sugerido pelo próprio Tom Zé em sua autobiografia. No entanto, foram diversos os tratamentos da questão em uma e outra pesquisa. E tampouco escapará, na leitura a seguir, que Patrícia Anette Schroeder Gonçalves e Leilor Miranda Soares acabam por defender dois pontos de vista que divergem entre si quando abordam o lugar de Tom Zé no mercado hegemônico.

Longe de ser um problema, a discordância é um bom exemplo, ainda que conciso, da *liberdade de pensamento e expressão*, um dos valores do IEB. Valor, como se sabe, em baixa no Brasil a partir de 1964, quando se iniciava a trajetória artística de Tom Zé, e que ainda o inspirava a cantar com ironia, na primeira metade da década de 1980: “A liberdade é um mistério” (TOM ZÉ, 2011, p. 164). Valor colocado em xeque pelos significados ideológicos que se atribuem hoje à palavra “liberdade”, fazendo-a passar por um desconhecimento pueril de qualquer limite. Mas valor que continua sendo um dos melhores antídotos, dentro e fora da universidade pública, contra “a sacrossanta glória da burrice nacional”, como Tom Zé (2011, p. 162) também cantou⁴.

4 No parágrafo, são citadas as canções “Sobre a liberdade” (Tom Zé/ Vicente Barreto), gravada ao vivo no teatro Lira Paulistana em 1984 e lançada no disco *No jardim da política*, em 1998; e “Defeito 13: Burrice” (Tom Zé), lançada no disco *Com defeito de fabricação*, em 1998.

A TROPICÁLIA E AS BRINCADEIRAS-BRECHT DE TOM ZÉ

Na autobiografia *Tropicalista lenta luta* (lançada em 2003), foi coligida uma entrevista com Tom Zé feita por Luiz Tatit e Arthur Nestrovski. Na ocasião, Tatit disse que, em sua leitura, a Tropicália tinha sido uma contingência na trajetória do iraraense, pois “o projeto do Tropicalismo [...] era a canção dos anos 70, a canção popular, a canção *pop*”, enquanto os prospectos de Tom Zé nunca teriam sido esses, e sim a imperfeição e incompletude, que se tornariam recursos mais evidentes nos anos 1990 (TATIT; NESTROVSKI, 2011, p. 246). Quando Tatit pede sua opinião sobre a possibilidade de, em outras palavras, ele nunca ter sido um tropicalista, Tom Zé responde que não havia pensado nisso, mas que achava perfeito o raciocínio.

Tom Zé não deixou de revisitar o movimento, porém. Ao contrário: em 2012, ele lançaria um álbum dedicado ao tema, *Tropicália lixo lógico*. Naquele momento, o artista vivia uma renovada recepção, impulsionada pela circulação internacional de suas canções. E essa repercussão midiática, aparentemente, não o atrelava sempre ao Tropicalismo. Quem parecia voltar ao assunto eram menos os seus novos ouvintes do que o próprio Tom Zé.

Quando do lançamento de *Tropicália lixo lógico*, Caetano Veloso publicou uma resenha elogiosa, na qual fazia o percurso inverso ao de Tatit: “É como se Gil, eu, Sérgio Dias e Rita Lee tivéssemos cada um partido para algo livre do projeto inicial: Tom Zé ficou com as questões centrais” (VELOSO, 2012, s. p.). Aqui, Tom Zé aparecia como o único ou o mais ambicioso tropicalista. Ou seja, enquanto Caetano via no Tropicalismo uma categoria experimental em essência, Tatit lhe retirava esse ímpeto, da perspectiva de quem conhece o que fizeram, nas décadas seguintes, os artistas envolvidos em *Tropicália ou Panis et circencis* (1968).

Também em 2012, Roberto Schwarz publicava um ensaio sobre *Verdade tropical*, de Caetano (1997), analisando-o como um romance de geração e evidenciando o olhar de fim de século que reavaliava em chave neoliberal e pós-moderna as questões políticas, econômicas e culturais em jogo nos anos 1960 (SCHWARZ, 2012). Mas a Tropicália segundo Tom Zé também se enquadraria nesse esquema?

Esses pontos de vista concorrentes sobre o Tropicalismo e o que ele representava nas disputas ideológicas e artísticas dos anos 1960 (e dos 2010) motivaram a escrita do projeto de mestrado de Patrícia Anette Schroeder Gonçalves. O projeto se iniciou em 2016 e terminou em 2018, com a defesa da dissertação *Três ensaios sobre a Tropicália de Tom Zé: da “Era dos Festivais” à “Era dos Editais”*, orientada por Walter Garcia. A pesquisa quis apreender de que forma o cancionista conceituou o Tropicalismo, uma vez que Tom Zé fez questão de criar uma reflexão teórica a esse respeito. O primeiro ensaio da dissertação investiga suas entrevistas e canções de 1968; o segundo analisa a sua autobiografia; e o terceiro, o álbum de 2012.

No livro *Tropicalista lenta luta*, encontra-se uma contribuição às memórias dos participantes do Tropicália: o acréscimo de uma dimensão *brechtiana*. Essa camada aparece por intermédio da dramatização da própria autobiografia, na forma de rubricas teatrais que indicam, ao fim de cada subcapítulo, uma história paralela às que se narram no corpo do texto. Por exemplo: na narrativa autobiográfica, Tom Zé conta sobre sua apreensão da composição musical na juventude; em paralelo, nas rubricas, cenas bem diferentes teatralizam um leitor roendo os ossos de um

“cantador”. Na segunda parte do livro, Tom Zé aborda seus primeiros shows e o papel da Universidade Federal da Bahia no desenvolvimento de sua sensibilidade experimental; agora, a história fictícia das rubricas imagina uma greve dos trabalhadores de uma televisão baiana.

A pequena fábula intercalada às suas histórias biográficas, acompanhada da “brincadeira-Brecht” (TOM ZÉ, 2011, p. 31) de se dirigir ao leitor, indica o permanente desejo anti-ilusionista de Tom Zé, presente também nas suas canções, que quase sempre têm o efeito de estranhamento a que Tatit aludia. O livro mostrava um olhar, digamos, materialista de Tom Zé para a formação daqueles sujeitos envolvidos no Tropicalismo, evitando o viés do artista genial, característico desse tipo de rememoração dedicada aos astros da indústria fonográfica.

Tom Zé tomaria um caminho parecido no álbum de 2012 ao figurar seus parceiros e a si mesmo de modo quase sociológico, desdobrando o que havia de elementos nordestinos no ânimo tropicalista. Duas canções são ainda exemplares de uma visão sem disfarces dos imperativos do mercado: “Capitais e tais”, que remete à necessidade de migrar para o centro da indústria cultural; e “Debaixo da marquise do Banco Central”, cujos protagonistas são artistas desempregados, vivendo na rua, protegidos das intempéries pela expressiva marquise do BC.

Essa última imagem permitiu a Patrícia Anette Schroeder Gonçalves pensar, em alegoria, a alteração da indústria fonográfica, da “Era dos Festivais” (MELLO, 2003), nos anos 1960, para uma era dos editais, nos anos 2010. Tom Zé viveu intensamente esses dois momentos e lançou o próprio *Tropicália lixo lógico* com incentivo da Lei Rouanet. Sua trajetória pareceu à autora, por fim, não tanto marginal, como tem sido vista, mas central para uma reflexão sobre sua geração de cancionistas e as transformações da indústria fonográfica nesse arco temporal.

INTERROMPENDO PARA CONTINUAR

No dia 6 de setembro de 2025, Tom Zé foi homenageado com o Título de Cidadão Paulistano em cerimônia na Câmara dos Vereadores de São Paulo. Após apresentações musicais e falas de intelectuais, escritores e políticos, que exaltaram a forte relação que o iraraense veio a construir com a cidade, bem como seu caráter inquieto, contestador e inovador, Tom Zé se apresentou com sua banda para o público presente. Em meio à canção “Jimmy, renda-se”, o compositor pediu para a banda parar de tocar para que ele pudesse fazer uma fala, na qual lembrou que a canção havia sido composta em homenagem a Caetano Veloso e Gilberto Gil na época em que estavam exilados, queixou-se do fato de que seus colegas baianos não teriam dado importância a sua composição e vangloriou-se, com seu humor característico, de que, nos últimos anos, embora “não pareça nada”, ela vem tendo boa circulação internacional, sendo vendida para propagandas (segundo ele, de diversos produtos, como calças de luxo, carros e até mesmo eventos de luta) em diversos países. A fala foi arrematada com uma enfática exclamação: “Compram para tudo!”, à qual se seguiu o retorno da canção⁵.

5 O relato se baseia em uma gravação em vídeo realizada por Leilor Miranda Soares, presente à cerimônia.

Nessa *performance*, condensam-se diversos elementos que têm estado entre as principais marcas da atuação de Tom Zé há mais de cinco décadas. Estão ali a menção irônica (e talvez um pouco ressentida) a dois grandes nomes da MPB e ex-colegas de Tropicalismo; a ironia dirigida a si mesmo, que exalta o sucesso da própria canção ressaltando reiteradamente seu caráter de mercadoria – nesse caso, mercadoria usada para vender outras mercadorias; o humor, aliado a certa aparência de improviso, que contribui para quebrar os protocolos oficiais próprios à ocasião, criando uma atmosfera de intimidade, característica de um regime de sociabilidade provinciano; e a interrupção (procedimento, aliás, utilizado em todas as canções apresentadas na cerimônia), que quebra a imersão ilusionista da obra e chama a atenção para seu caráter artificial e, novamente, de mercadoria.

Em linhas gerais, esses procedimentos estão no centro do que a dissertação “*Batiza esse neném: mercado, MPB, samba e processo social em Estudando o samba, de Tom Zé*”, de Leilor Miranda Soares, procurou analisar. O projeto de pesquisa foi realizado entre 2017 e 2019, sob orientação de Walter Garcia. Para além do valor estético do disco, sua escolha se deu pelo fato de ele ocupar um lugar particular na trajetória e na obra de Tom Zé: lançado em 1976, *Estudando o samba* foi o álbum responsável tanto por aprofundar o isolamento do compositor na indústria fonográfica quanto por recolocar o iraraense no mercado devido ao seu lançamento no exterior, acrescido de algumas canções do antecessor, *Todos os olhos* (1973). Em alguma medida, esse lugar particular pode ser explicado pelo fato de que *Estudando o samba* apresentou, pela primeira vez de forma programática e mais elaborada, o projeto estético que Tom Zé havia começado a desenvolver no disco anterior.

Entre os elementos musicais dessa estética própria, destacam-se o uso de ostinatos na estruturação de algumas composições, a exploração da dinâmica e o “canto defeituoso”. Tomados em seu conjunto, esses elementos fizeram com que o disco se distanciasse consideravelmente dos padrões do mercado, o que poderia explicar o chamado “ostracismo” de Tom Zé. A situação, no entanto, era mais complexa do que isso. Apesar de ter participado do movimento tropicalista e até vencido um dos festivais dos anos 1960 (o IV Festival de Música Popular Brasileira, de 1968, com “São São Paulo, meu amor”⁶), Tom Zé nunca chegou a ocupar um lugar de destaque na indústria fonográfica, ao contrário de seus colegas baianos Caetano e Gil. A dissertação defende a hipótese de que a entrada em cena desse projeto estético marca o momento em que o iraraense começa a elaborar esteticamente a posição marginal que ele sempre ocupara no mercado. Desse modo, distanciar-se conscientemente dos padrões estéticos vigentes – a saber, dos padrões estabelecidos pela MPB institucionalizada nos anos 1970 – torna-se uma forma de olhar de fora para essa MPB e fazer comentários a seu respeito.

Foi a partir desse gesto de Tom Zé e da leitura do trabalho de Patrícia Anette

6 Promovido pela TV Record de São Paulo em 1968, o IV Festival da Música Popular Brasileira teve dois jûris: um “júri popular” e um “júri especial”. Na votação do júri popular, o primeiro lugar ficou com “Benvinda”, de Chico Buarque, interpretada pelo compositor e pelo MPB4. Na votação do júri especial, “São São Paulo, meu amor” ficou em primeiro lugar e, segundo a crônica jornalística de Zuza Homem de Mello (2003, p. 328; p. 454), Tom Zé foi “tratado pelo povo e pela imprensa como o verdadeiro vencedor”.

Schroeder Gonçalves (2018) que a pesquisa começou a se debruçar sobre as relações entre os elementos do projeto estético de Tom Zé e alguns procedimentos do teatro épico de Bertolt Brecht. Assim, os ostinatos e o canto defeituoso foram analisados como recursos que citam e parodiam formas consolidadas da canção de mercado, em especial, da MPB. A interrupção, largamente utilizada na *performance* supracitada do iraraense, também se faz presente em diversos momentos de *Estudando o samba*, com o mesmo sentido. O efeito desses procedimentos, como a dissertação procura mostrar, é o de criar algo próximo de um distanciamento *brechtiano*, o qual contribui decisivamente para a construção do ponto de vista exterior a partir do qual Tom Zé fala sobre a MPB, a bossa nova e o samba.

Se hoje, quase 50 anos depois, Tom Zé é homenageado por sua relevância cultural e artística, isso se deve em grande medida a essa estética própria, que, de uma forma ou de outra, permanece orientando a obra do compositor, embora nem sempre com os mesmos sentidos.

SOBRE OS AUTORES

LEILOR MIRANDA SOARES é mestre em Culturas e Identidades Brasileiras pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e professor de Literatura na rede privada de São Paulo.

leilorio@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-7281-0245>

PATRÍCIA ANETTE SCHROEDER GONÇALVES é mestra em Culturas e Identidades Brasileiras pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), doutora em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e professora de Língua Portuguesa na rede estadual de São Paulo.

patricia.nette@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6691-4989>

WALTER GARCIA é professor associado do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Orientador no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB/USP e no Programa de Pós-Graduação em Música da ECA/USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (processo: 303148/2025-0).
waltergarcia@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-0455-4831>

Declaração de disponibilidade de dados

Os conjuntos de dados gerados e/ou analisados durante o estudo atual estão disponíveis no manuscrito e em materiais suplementares.

REFERÊNCIAS

- GONÇALVES, Patrícia Anette Schroeder. *Três ensaios sobre a Tropicália de Tom Zé*: da “Era dos Festivais” à “Era dos Editais”. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras). Universidade de São Paulo, 2018. <https://doi.org/10.11606/D.31.2019.tde-16012019-142633>.
- MELLO, Zuza Homem de. *A Era dos Festivais*: uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.
- SCHWARZ, Roberto. Verdade tropical: um percurso de nosso tempo. In: SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 52-110.
- SOARES, Leilor Miranda. “Batiza esse neném”: mercado, MPB, samba e processo social em *Estudando o samba*, de Tom Zé. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras). Universidade de São Paulo, 2019. <https://doi.org/10.11606/D.31.2020.tde-19052021-202440>.
- TATIT, Luiz; NESTROVSKI, Arthur. Entrevista. In: TOM ZÉ. *Tropicalista lenta luta*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2011, p. 235-289.
- TOM ZÉ. *Tropicália lixo lógico*. São Paulo: Tom Zé; Natura Musical, 2012. 1 CD.
- TOM ZÉ. *Tropicalista lenta luta*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- TOM ZÉ. *Estudando o samba*. São Paulo: Continental, 1976. 1 LP.
- VELOSO, Caetano. ‘Lixo lógico’. *O Globo* (on-line), Rio de Janeiro, 5 ago. 2012. (Não paginado). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/lixo-logico-5692980>. Acesso em: 23 ago. 2025.